

Cenários contemporâneos da urbanização turística

Gilmar Mascarenhas (gmj@uerj.br) *

Resumo

A organização espacial do estado do Rio de Janeiro se caracteriza tradicionalmente pela esmagadora primazia de sua área metropolitana. Não obstante, o interior fluminense vem apresentando nas últimas duas décadas evidentes sinais de dinamização de sua economia, definindo novos lugares de empreendimentos e enfim revertendo um processo de contínua concentração metropolitana.

O turismo e o veraneio são uma das principais práticas sociais responsáveis por esta retomada crescimento. Pretendemos analisar o cenário urbano especificamente gerado por estas atividades, abrangendo aspectos relevantes como formas de valorização fundiária e exclusão social, emprego, moradia, conflitos locais e funções urbanas.

Palavras-chave: Urbanização turística - Interior Fluminense - Segregação sócioespacial

Abstract

Rio de Janeiro state spatial organization's main feature is the overwhelming primacy of its metropolitan area. However, the interior of the state has in the last two decades shown evident signs of economic growth that may offset the continuous metropolitan concentration. This growth is in great part due to tourism.

This paper aims at examining the urban setting changes created specifically by these activities, including some relevant aspects as real state value-raising and social exclusion, jobs creation, housing, local conflicts and urban functions.

Key-words: tourism urbanization, Rio de Janeiro interior, social-spatial exclusion

Introdução

A organização espacial do estado do Rio de Janeiro (unidade da federação brasileira de mais alto índice de urbanização) se caracteriza tradicionalmente pela esmagadora primazia de sua área metropolitana, concentradora de recursos, dinamismo, poder, informação e $\frac{3}{4}$ da população estadual. Não obstante, o interior fluminense vem apresentando nas últimas duas décadas evidentes sinais de dinamização de sua economia, definindo novos lugares de empreendimentos e enfim revertendo um processo de contínua concentração metropolitana.

Neste processo, a rede urbana do interior fluminense, representada por um variado conjunto de cidades de médio e pequeno porte, em sua maioria centros estagnados e com mais de um século de existência, vem redefinido rapidamente seu arranjo e conteúdo, formando novos eixos de urbanização. Algumas pequenas aglomerações se converteram ultimamente em centralidades de serviços especializados, dentro de uma nova configuração da hierarquia urbana¹.

O turismo e o veraneio são uma das principais práticas sociais responsáveis pela retomada de expressivo desempenho econômico de diversas localidades e regiões fluminenses, contribuindo para reverter a histórica tendência de concentração espacial de recursos e população na região metropolitana. Também vem a atividade turística-recreativa contribuindo decisivamente para a crescente articulação (historicamente escassa) entre a capital e o interior no Estado do Rio de Janeiro, incrementando de forma significativa o espaço de fluxos e contatos.

Podemos falar em retenção de êxodo demográfico do interior fluminense em direção à capital, e situações de migração de retorno. Segundo dados da Fundação

IBGE, o censo de 1991 registrou claramente o estancamento do um longo processo de esvaziamento demográfico no interior, que finalmente ampliara sua participação percentual no conjunto da população fluminense em torno de 23%, recuperando o índice verificado em 1970. Na década seguinte, seguiu o interior apresentando índices de crescimento superiores ao da média estadual, inclusive os da Região Metropolitana, atingindo 24,3% de participação no conjunto².

Partimos da premissa de que o crescimento urbano superior do interior fluminense reflete o processo de "dissolução da metrópole", isto é, a nova faceta da metropolização, expandindo no território segmentos de sua dinâmica de apropriação de recursos e reprodução social³. Podemos observar uma nova ordem territorial no interior fluminense, com uma urbanização esgarçada, na forma de uma metrópole difusa que estende pelo território, na medida em que um conjunto de cidades de pequeno e médio porte se articulam na oferta de serviços, bens, equipamentos e força de trabalho. Acreditamos que a urbanização turística se insere nitidamente neste processo, oferecendo serviços de lazer, turismo e moradia ou segunda residência de alto padrão, funcionando enfim como verdadeiros distritos de amenidades no conjunto da rede urbana. Vale registrar que são estas localidades justamente as que apresentam maior dinamismo econômico e crescimento demográfico no panorama estadual.

O objetivo deste trabalho é, a partir da análise de um heterogêneo conjunto de pequenas localidades fluminenses (com população não superior a vinte mil habitantes), aprimorar o conceito de urbanização turística, no sentido de adequar sua aplicabilidade ao caso brasileiro. As localidades escolhidas em nossa

*Prof. Adjunto do Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

1 O caso de Itaperuna, cidade situada no noroeste fluminense, que rompeu com a estagnação regional e com a supremacia do velho centro sucro-alcóoleiro de Campos ao se tornar um centro especializado em serviços médico-hospitalares, cujo raio de influência atinge municípios de MG e ES, foi estudado por Mascarenhas e Nacif (1992).

2 Em 1940, o interior fluminense abrigava 38% da população estadual; em 1950, tal participação caiu para 31%, para 27% em 1960, 23% em 1970 e finalmente 22% em 1980, quando ocorre uma inflexão no curso da evolução demográfica do interior fluminense.

3 A respeito, consultar os seguintes trabalhos: Mascarenhas e Nacif, 1992; Limonad, 1996; Davidovich, 1999; Rua, 2002.

investigação abrangem situações distintas no tocante à localização, vínculo com a região metropolitana, porte demográfico e produto turístico. São elas: Búzios, Itaipava, Paraty, Penedo, Sana e Visconde de Mauá. Ao mesmo tempo, também verificamos localidades "não-turísticas", a fim de estabelecer comparações que elucidem e dimensionem a natureza do fenômeno em pauta: Atafona, Porto Real, Silva Jardim e Varre-Sai. Pelo contraste, podemos estabelecer alguns dos principais elementos (morfologia, segregação espacial, uso do solo, dimensão simbólica, conflitos sociais etc.) que caracterizam a produção do espaço urbano pela atividade turística. Deve-se ressaltar que do conjunto de cidades escolhidas, encontram-se já concluídos e examinados os trabalhos de campo referentes a Penedo e Varre-Sai. As demais encontram-se em diferentes estágios do processo de levantamento de dados. Tal levantamento, iniciado em janeiro de 2002, encontra-se de um modo geral em sua fase final⁴. Consiste basicamente em mapeamento do uso do solo urbano.

O presente trabalho se divide em dois segmentos. No primeiro, trataremos de abordar teoricamente a urbanização turística, sua natureza e aspectos conceituais. No segundo, tentaremos demonstrar a ocorrência deste fenômeno no território fluminense, sua espacialidade e seu papel na reconfiguração da dinâmica geral desta unidade da federação, bem como apontar os elementos que caracterizam esta nova forma de urbanização, este cenário contemporâneo do acontecer social.

A Natureza da Urbanização Turística

O conceito de urbanização turística, na forma como foi aplicado por Patrick Mullins ("tourism urbanisation", 1991), corresponde basicamente à constatação da existência

de formas específicas de produção do espaço urbano engendradas a partir da atividade turística, sobretudo quando esta se impõe como dominante na economia local. Em seu estudo, Mullins recolheu dados em 13 cidades australianas, duas das quais (Gold Coast e Sunshine Coast) com claro perfil turístico. Verificou então que estas são as que justamente apresentavam sensíveis diferenças em relação às demais, ao comparar vários setores de atividades da economia urbana, o ritmo de crescimento demográfico, os níveis de emprego e subemprego e mesmo a dinâmica dos movimentos sociais e da sociedade civil em geral. Trata-se, em suma, de uma modalidade peculiar de produzir e estruturar o espaço urbano.

Para o autor, as cidades turísticas "representam uma nova e extraordinária forma de urbanização"¹. Tradicionalmente, sabemos que as aglomerações urbanas surgiram e cresceram em torno da acumulação do excedente agrícola, do comércio, e mais tarde, da produção de bens manufaturados. Por seu turno, as cidades turísticas dedicam-se quase exclusivamente ao consumo, e mais precisamente ao consumo de artigos e serviços de diversão, prazer, relaxamento e recreação, e não ao consumo de necessidades básicas como moradia, serviços de saúde, abastecimento alimentar, educação etc.. Tal especificidade irá se verificar nitidamente no uso do solo e se espacializar na morfologia urbana, conforme demonstraremos ao analisar situações concretas no interior fluminense.

Acreditamos que a urbanização turística se revela como um dos mais significativos motores do crescimento urbano na atualidade. Apresenta nos Estados Unidos os maiores índices de crescimento populacional e da força de trabalho de todo o país². Na atual Grã-Bretanha

4 O levantamento conta com o apoio dos estagiários de geografia da UERJ Gustavo Junger da Silva (formando) e Bruno Henning de Azevedo (5º período).

1 Mullins, 1991:326.

2 Stanback apud Mullins, op.cit. p.326.

desindustrializada, fala-se que fabrica-se cada vez menos mercadorias e mais "tradição" (onda de tombamentos e multiplicação de museus nas cidades), ingrediente de um dos raros setores da economia que ali efetivamente crescem, o turismo urbano³. Sem dúvida, estamos diante de um fenômeno novo, de largo alcance e de grande impacto na produção e dinâmica do espaço urbano, a merecer investigações empíricas e reflexões teóricas.

No Brasil, não obstante a evidência do fenômeno em pauta, raras tem sido as investidas acadêmicas. No plano teórico, destaca-se o pioneirismo de Luchiani (1998), repensando a proposta de Mullins no marco conceitual da relação do lugar com a totalidade-mundo. Outra iniciativa coube a Edmilson Lopes Jr (2000), analisando o caso de Natal (RN) e oferecendo interessante apontamentos. O autor observa as dimensões simbólica e concreta no recente e acelerado processo de conversão de algumas das capitais nordestinas em "cidades do prazer", sobretudo a partir da irreversível crise do processo de industrialização baseada em fundos estatais. No caso de Natal, a urbanização turística vem promovendo uma completa reordenação espacial, não apenas deslocando para a zona sul o eixo de crescimento da cidade, mas sobretudo acirrando o "apartheid urbano" (Lopes Jr., 2000:47), acentuando as desigualdades e a segregação sócio-espacial. No plano do imaginário, a cidade de Natal se volta para o consumo virtual do meio ambiente, e "esvazia-se de história, ao contrário de Salvador, que constrói uma" (:49).

A fim de oferecer um quadro sintético, podemos definir as quatro características fundamentais da urbanização turística:

1- Na economia urbana, o consumo prevalece sobre as atividades produtivas. Devemos registrar que tal fenômeno torna-

se possível pelo fato de que as elites e as camadas médias dos centros emissores, em particular das metrópoles, elegem as cidades turísticas para realizar parte de suas necessidades e desejos, convertendo-as em aglomerações sazonais de serviços e artigos de prazer, voltados para uma clientela externa. Trata-se portanto de uma possibilidade gerada pelas condições concretas da rede urbana. Algo que Nash (1995) sugere como uma forma de imperialismo: a subordinação de lugar a outro através do turismo.

2- O crescimento demográfico e econômico tende a ultrapassar as taxas médias regionais e nacional, como reflexo da expansão recente das práticas turísticas. Tal performance se manifesta no Brasil à revelia do contexto econômico recessivo. No território fluminense, podemos facilmente observar que são justamente os municípios de economia voltada para o turismo ou veraneio (segunda residência) os que apresentam maior incremento demográfico nas últimas décadas.

3- Embora estas cidades tendam a apresentar maior dinamismo econômico que a média, e por conseguinte exerçam atração de fluxos migratórios em busca de oportunidades de renda e trabalho, o subemprego, a precarização dos contratos, o baixo índice de sindicalização e a baixa remuneração consistem na tônica dominante das cidades turísticas, conforme observou Mullins. No Brasil, desconhecemos estudos sistemáticos a respeito, mas as evidências parecem confirmar este quadro social preocupante. Na área aqui pesquisada, Penedo, observamos a formação recente de áreas de ocupação em condições habitacionais muito precárias, em contraste com o consumo de supérfluos na zona turística.

4- No tocante à composição e dinâmica do tecido social, as camadas

³Urry, 1996:148-49.

médias (artesãos, donos de pousadas, restaurantes, lojas e bares) se apresentam como numericamente expressivas e atuantes. Tal segmento lidera o debate político local e exerce pressão no sentido no sentido da dotação de serviços públicos e preservação ambiental⁴.

Há outras características da urbanização turística definida por Mullins que não correspondem exatamente ao caso brasileiro. O autor (1991:335) assinala por exemplo um ambiente de "privatismo", com fraca presença do poder público. Tal observação nos parece mais adequada para países que vivenciaram o Estado de bem-estar social e seu forte impacto na natureza da urbanização, em contraposição à prevalência de um ambiente "neoliberal" nas cidades turísticas. Como são áreas de projeção e crescimento mais recente, incorporam mais que outras a retração do Estado nas últimas duas décadas, isto é, o paulatino desmonte do aparato assistencial do Welfare State. No Brasil, sobretudo no nordeste, a urbanização turística conta, ao contrário, com decisivo suporte estatal na dotação de infra-estrutura geral. E ademais, sobretudo para as camadas desfavorecidas, nossas cidades tradicionalmente sobreviveram à revelia da atuação do poder público.

Queremos acrescentar um último comentário acerca do fenômeno da urbanização turística, com base em reflexões suscitadas na pesquisa que estamos desenvolvendo no Estado do Rio de Janeiro. Podemos sugerir um novo elemento como constituinte desta nova forma de organização do espaço urbano: a redefinição da noção de "usos sujos". O processo de modernização das cidades no mundo ocidental, que tem na reforma parisiense de Haussmann um dos paradigmas fundamentais, consistiu na aplicação de um urbanismo "progressista", adequado ao

advento da sociedade industrial (Choay, 1992). Neste, se fez presente o higienismo, movimento de amplo espectro que preconizava, no século XIX (com base nas descobertas epidemiológicas de vetores de doenças oriundos da microbiologia), uma profunda reestruturação do espaço urbano, circunscrevendo e eliminando usos e práticas consideradas nocivas à saúde pública. Em contextos específicos, tal discurso se adequou plenamente aos interesses do capital imobiliário e, de um modo geral, ao projeto elitista de gestão do espaço urbano, expulsando quiosques, cortiços e ambulantes das áreas nobres e centrais, em nome da higiene, da ordem e do embelezamento da cidade que se deseja "moderna" e cosmopolita. No Brasil, este processo alterou profundamente a estrutura de nossas cidades, conduzindo à formação das favelas e expansão de uma periferia empobrecida.

No caso da urbanização turística, percebemos que a gestão do espaço amplia o rol dos usos considerados "sujos", isto é, inconvenientes em determinadas áreas privilegiadas para reprodução do capital. Se no período da Belle Époque, se definiu como importante a construção de uma imagem de cidade ordeira, higiênica e progressista, na atualidade a atividade turística retoma como de suma importância a produção da imagem, por força da natureza intrínseca do produto que se vende. Mullins (1991) já chamava a atenção para a formação de enclaves, como "redutos espaciais de consumo hedonista". Nestes espaços de realização dos desejos, o bem-estar do turista não pode ser molestado pela presença de personagens e usos alheios à fantasia do consumo.

A Urbanização Turística Fluminense: Novos Cenários

Localizar os processos de urbanização turística e dimensionar seu papel na nova

⁴Mullins, 1991:338.

dinâmica territorial do interior fluminense, é o objetivo de uma linha de investigação que estamos desenvolvendo no Departamento de Geografia da UERJ desde 2001, e que inicialmente definiu como estudos de caso seis localidades, com distintas características quanto à localização, origem, condição e relação com a metrópole, principal centro emissor de turistas, veranistas e proprietários de segunda residência, todas de pequeno porte, com população variando entre 3 mil e 20 mil habitantes:

Penedo: Médio Vale do Paraíba, condição serrana, origem associada ao ciclo do café e posterior colonização finlandesa.

Búzios: "Costa do Sol" (Região das Baixadas Litorâneas), condição litorânea, origem associada à política colonial portuguesa de defesa costeira e posterior núcleo de pesca rudimentar.

Paraty: Costa verde, condição litorânea, origem associada ao ciclo do ouro, grande patrimônio histórico arquitetônico.

Itaipava: Entorno imediato da área metropolitana, condição serrana, origem associada aos eixos de interiorização colonial.

Sana: Vertente atlântica da Serra do Mar, condição serrana, origem associada ao ciclo do café.

Visconde de Mauá: Serra da Mantiqueira, na divisa com MG, condição serrana típica, origem basicamente associada à imigração alemã no início do século XX.

Ao mesmo tempo, para fins de um estudo comparativo, elegemos quatro cidades para representar o grupo das localidades não-turísticas, respeitando os critérios demográficos supracitados e buscando uma amostragem abrangente. São elas:

Atafona: Região Norte Fluminense, condição litorânea, junto à foz do Rio Paraíba do Sul.

Porto Real: Médio Vale do Paraíba, origem associada à política imperial de fomento à imigração, sobretudo italiana.

Silva Jardim: Região das Baixadas Litorâneas, origem associada ao ciclo do café.

Varre-Sai: Noroeste fluminense, condição serrana, origem associada ao ciclo do café, com posterior colonização italiana.

No tocante à amplitude do fenômeno em território fluminense, podemos facilmente observar que de Paraty a Mangaratiba, de Maricá a Macaé, verifica-se ao redor da metrópole um alinhamento de municípios costeiros com taxas de crescimento (econômico e demográfico) bem acima da média estadual, todos com forte uso turístico ou de segunda residência.

Outra característica visível é a significativa presença (e o grau de mobilização) de um segmento médio, vinculado às pequenas e médias empresas do setor hoteleiro/pousadas, restaurantes, bares, comércio e serviços destinados aos turistas. No caso de Búzios, podemos observar a existência de diversos jornais locais, a maioria veiculando debates e reivindicações de setores médios e intelectuais da cidade, que enfrentam abertamente os interesses de proprietários fundiários e empresários de construção civil, em prol da manutenção da qualidade ambiental e paisagística. No caso de Maricá, Freire (2001) percebeu igualmente grande poder de mobilização e luta por parte de setores médios, sobretudo aqueles que para lá migraram em busca de melhor qualidade de vida.

Embora as aglomerações turísticas tendam a apresentar maior dinamismo econômico que a média estadual, e por conseguinte exerçam atração de fluxos migratórios em busca de oportunidades de renda e trabalho, cumpre verificar o índice de subemprego, a precarização dos

contratos/baixo índice de sindicalização, e a baixa remuneração que consistem na tônica dominante. Paralelamente, desenvolvem-se acentuados processos de segregação sócio-espacial. Em Búzios, tal processo se materializa na populosa e estigmatizada comunidade da Praia da Rasa. Em Rio das Ostras, verifica-se o mais elevado índice de favelização de todos municípios fluminenses.

Interessante observar a gênese do processo de turistificação, e sua evolução, produzindo espaços específicos. Na região serrana de Visconde de Mauá, por exemplo, se realiza em 1922 o primeiro afluxo de veranistas (seguido da construção de pousadas, a partir de 1925) ao núcleo colonial de alemães criado pelo governo federal em 1908 e já em plena crise no início dos anos vinte, pelo isolamento e sobretudo após o fim da subvenção governamental em 1916¹. Aproveitando a condição "alpina", a beleza cênica, um certo exotismo étnico-cultural e a acessibilidade ao Pico das Agulhas Negras, as famílias Bühler e Büttner iniciaram um empreendimento de recepção rústica para este esporádico, porém crescente afluxo de "hóspedes pagantes". Estes primeiros visitantes são professores e alunos da Escola Alemã do Rio de Janeiro² e funcionários do Banco Alemão, que iam passar dois meses a cada verão, como forma de conhecer a história e situação dos colonos patrícos, aprender as lides rurais e praticar a saudável vida campestre na montanha.

Nos anos 1970, a região de Visconde de Mauá atraiu basicamente integrantes de um movimento alternativo de amplo espectro, abrangendo anarquistas, "hippies", ecologistas e esotéricos dispostos a formar comunidades. A partir da década seguinte, cresce o afluxo de turistas, sobretudo oriundos de São Paulo, já no âmbito de um processo de comercialização do exótico e naturista "produto" Visconde de Mauá. A

diversificação de opções de lazer e gastronomia, nos anos 1990, converteram a região num dos mais importantes pólos turísticos do Médio Vale do Paraíba. O destaque da urbanização turística é o núcleo de Maringá, extenso aglomerado praticamente destinado a serviços sofisticados para turistas. O núcleo Visconde de Mauá, por sua vez, mantém sua feição tradicional, tendendo a concentrar serviços voltados à comunidade local. Maromba, o terceiro núcleo desta região turística, apresenta grande crescimento, entretanto oferecendo serviços menos sofisticados que Maringá.

No caso de Penedo, se o bairro Martinelli reúne executivos, empresários locais e proprietários nobres de segunda residência, os pedreiros, lixeiros, jardineiros, as faxineiras, camareiras e cozinheiras, sobretudo os que chegaram a Penedo nos últimos dez ou quinze anos, trazidos pelo surto de crescimento turístico, tiveram quase sempre de recorrer à invasão de terrenos e ao clássico expediente da auto-construção. Neste breve período, a população local se duplicou em tamanho e o preço da terra urbana evidentemente se multiplicou, propiciando a expansão de áreas de habitação irregular e precária, tais como África I, África II, Vale do Ermitão e Jambéiro. A denominação de África (I e II), sugere certa continuidade em relação a antiga aglomeração de negros e pobres. São também posseiros os migrantes que formaram Jambéiro e Vale do Ermitão, áreas de similar feição. O mais interessante é a localização destes espaços. Todos encontram-se muito próximos ao eixo turístico de Penedo, mas a topografia permite que mantenham-se "escondidos", preservando assim a paisagem romantizada, da alegria, do consumo, da atmosfera finlandesa. Trata-se de um arranjo altamente segregacionista, que exclui o pobre até mesmo da paisagem, tornando-o

¹A respeito, consultar o valioso trabalho de Alexandre Rocha (2001).

²A Deutsche Schule, hoje Colégio Cruzeiro, teve sua denominação alterada em 1943, no contexto em que as instituições dos países do Eixo tiveram que ser abrazeiradas.

adequadamente invisível.

Até o início da década de 1970, as poucas unidades hoteleiras em Penedo encontram-se dispersas. Trata-se de um arranjo espacial destinado a atender à demanda turística por espaços verdes, vida campestre e tranqüilidade, mas também decorrente da própria extensão territorial das propriedades dos antigos colonos finlandeses, a impor certo distanciamento entre as referidas unidades. Com a explosão do turismo da década de 1980, e a conversão do lugar em distrito de amenidades no contexto regional, o velho caminho (agora asfaltado) entre a Fazenda Penedo e a via Dutra, particularmente no trecho denominado "Avenida das Mangueiras"³, vai se tornar uma importante via urbanizada. Concentrando não apenas hotéis, mas sobretudo restaurantes, bares, lojas e, mais recentemente, a Pequena Finlândia, (e em breve o shopping "Vale dos Duendes") esta via apresenta uma arquitetura temática peculiar, utilizando madeira e jardinagem, toda uma fisionomia que pretende produzir uma atmosfera de consumo, fachadas alegres, por vezes de apelo "infantilizante", que convida o visitante a "saborear" o lugar.

No que se refere aos novos "usos sujos", Penedo também elege os seus, localizados sobretudo na Avenida Brasil, paralela à via principal, no já citado bairro Formigueiro, isto é, junto porém fora do eixo turístico. Vide por exemplo a "rodoviária" (ponto de venda de passagens e chegada/saída de ônibus interurbano), que funciona no "Penepão", grande mercearia voltada para o consumidor nativo. Ali também encontramos as lojas de material de construção, produtos agropecuários, serviços religiosos, um modesto cabeleireiro, posto de atendimento policial, carpintaria, serviço odontológico, placas de venda de "sacolés" e "aulas de reforço" no portão das casas etc.. Também os serviços de lazer para a comunidade se

concentram aqui: os tradicionais "botecos" e uma danceteria⁴. Toda esta zona, que pertence também ao "centro comercial" de Penedo, apresenta fisionomia e arquitetura rudimentares, característica aliás da paisagem de nossas periferias metropolitanas.

A segregação espacial de determinados usos do solo urbano, típica da urbanização turística, se manifesta em Paraty através da apropriação do núcleo histórico pelo segmento hoteleiro-gastronômico e de serviços sofisticados. Nesta área, Angela Martins (1994) detectou a existência de 29 restaurantes e 44 lojas de souvenirs, ao passo que serviços essenciais como açougue, padaria e farmácia apresentavam apenas um único estabelecimento cada. Tal especialização funcional reproduz o que vimos no principal eixo viário de Penedo. Por seu turno, a zona urbana correspondente à Avenida Roberto Silveira, em direção à BR-101, abriga restaurantes e pousadas mais simples (são mais de 40 estabelecimentos, contra apenas 13 sofisticados meios de hospedagem no Centro Histórico), e os serviços utilitários, "usos" como a rodoviária e posto policial, e aqueles destinados basicamente aos moradores (escolas, farmácias etc.). A pista do aeroporto, por sua vez, serve de fronteira segregadora, isolando moradores pobres, a exemplo do que notamos em Porto Seguro, onde os mapas turísticos se limitam a exibir a zona urbana situada entre o litoral, o aeroporto e a colina histórica, excluindo o "Baianão", verdadeiro "bolsão de pobreza" que, embora de origem recente (início da década de 1990) aglomera aproximadamente 40 mil habitantes, a maioria retirantes oriundos da crise da região cacauzeira.

Numa cidade não-turística, como Varre-Sai, nosso levantamento em campo, realizado em fevereiro de 2004, acusa uma situação completamente distinta do contexto da urbanização turística. Uma

3 A via principal, ao longo de seu curso, recebe diferentes denominações: Av. Casa das Pedras (no início, em alusão a esta famosa edificação finlandesa), e Av. Finlândia (trecho a montante do Centro, à altura da Praça Finlândia e Museu).

4 A danceteria "Medieval", absolutamente "cafona" em sua apresentação (um velho globo giratório no centro do teto), não esconde seu público alvo: cobra ingressos de R\$ 4,00 para rapazes e R\$2,00 para moças.

única pousada, dois restaurantes, quatro bares/lanchonetes, nenhum ateliê ou loja de souvenir, tampouco aluguel de automóveis, serviços freqüentes em cidades turísticas. Em contrapartida, são onze lojas de roupas, sete unidades de serviço religioso, quatro farmácias, cinco mercearias etc.. No tocante à organização do espaço urbano, a via principal congrega atividades "sujas" tais como posto gasolina, loja de fertilizantes e adubos químicos, loja de material de construção e outros, algo impensável na fisionomia elitista e segregadora da urbanização turística.

Considerações Finais

Há claros indícios de uma nova ordem territorial no interior fluminense, com uma urbanização esgarçada, na forma de uma metrópole difusa que estende pelo território, na medida em que um conjunto de cidades de pequeno e médio porte se articulam na oferta de serviços, bens, equipamentos e força de trabalho (Limonad, 2001:100-2).

Tentamos identificar quais localidades tem sido eleitas pelas camadas médias e as elites dos centros emissores, em particular a metrópole, para realizar parte de suas necessidades e desejos, convertendo-as em aglomerações sazonais de serviços e artigos de prazer, voltados para uma clientela externa. Pois, nas palavras de Milton Santos (1996:131), a região e o lugar não têm existência própria: definem-se como funcionalização do mundo e é por eles que o mundo é percebido empiricamente.

Data da década de 1950 o início efetivo do uso veranista da maioria das localidades que até hoje compõem o mapa turístico fluminense. Observa-se a paulatina formação de uma periferia enobrecida ao redor da metrópole, impulsionada pela construção de segunda residência para os segmentos sociais privilegiados, atingindo sobretudo as regiões serrana e dos Lagos. A

respeito, ver Sant'Anna (1968), Selene (1981), Soares (1986), Justus (1996), Freire (2001) entre outros.

Todo este processo, a despeito de seu papel crucial na dinamização do interior fluminense, vem apresentando efeitos perversos no tocante aos aspectos ambientais e sócio-culturais. As novas cidades turísticas tendem acentuar a problemática capitalista da segregação sócio-espacial. Em muitos casos, o turismo e sua espacialidade se apresentam como uma extraterritorialidade, um "nexo externo" ao lugar. Uma autêntica verticalidade, se a tomamos como vetor de uma racionalidade distante, oriunda dos setores hegemônicos, criadora de um cotidiano obediente, de uma solidariedade que não é orgânica e sim organizacional (Santos, 1996:226-227). Aos nativos, em especial aos de menor poder aquisitivo, o exercício da cidadania se limita profundamente.

Por fim, lembramos as palavras de Luchiar (1998:28): corremos o risco de ver a urbanização turística produzir cidades tão indesejáveis quanto o fez a urbanização industrial.

Referências Bibliográficas

- BENHAMOU, François. "Turismo e veraneio nas regiões periféricas da metrópole carioca". Rio de Janeiro: UFRJ, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, Série Rio, 1, mimeo, 1971.
- CARNEIRO, Leonardo. Redes de empreendimento turístico em Paraty. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Geografia UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil, 2002.
- CHOAY, Françoise. O Urbanismo em Questão. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1979.
- DAVIDOVICH, Fani. "Estado do Rio de Janeiro: singularidades de um contexto territorial". Porto Alegre: ANPUR, (CD-ROM do VIII Encontro Nacional da ANPUR), 1999.

- FAGERLANDE, A. e SOUZA, H. Penedo: colônia finlandesa no Brasil. Clube Finlândia (Penedo/Brasil) e Associação Finlândia-Brasil (Helsinki/Finlândia), 2002.
- FRATUCCI, Aguinaldo. "Os lugares turísticos: territórios do fenômeno turístico". *Geographia*: v.2, n.4, dezembro 2000, p.121-133.
- FREIRE, Desirée. O lugar das classes médias em Maricá. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Geografia, UFF, Niterói, Brasil, 2001.
- HILDÉN, Eva. A saga de Penedo: história da colônia finlandesa no Brasil. Rio de Janeiro: Fotografia Ilustrada, 1989.
- ITATIAIA, Prefeitura Municipal. Plano Diretor do Município de Itatiaia (volume especial dedicado a Penedo). Itatiaia, 1998.
- JUSTUS, Daisy. A cidade natural: imagens e representações de Armação dos Búzios. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil, 1996.
- KNAFOU, Remy et al. Une approche géographique du tourisme. *L'Espace Géographique*: v.3, 1997, p.193-204.
- LIMONAD, Ester. Os lugares da urbanização: o caso do interior fluminense. Tese de Doutorado Em Estruturas Ambientais Urbanas, FAU-USP, São Paulo, Brasil, 1996.
- LOPES Jr., Edmilson. "Urbanização turística, cultura e meio ambiente no nordeste brasileiro". In: BRUHNS, Heloísa e SERRANO, Célia (org.) *Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente*. São Paulo: Papirus, 3ª ed., 2000, p.43-58.
- LUCHIARI, M. Tereza. "Urbanização turística: um novo nexos entre o lugar e o mundo". In: LIMA, Luiz C. (org.). *Da Cidade ao Campo: a diversidade do saber-fazer turístico*. Fortaleza: UECE, 1998, p.15-29.
- MARTINS, Angela. Paraty: história e planejamento para um espaço turístico. Dissertação de Mestrado, FAU/UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil, 1998.
- MASCARENHAS, Gilmar. A cidade moderna e suas técnicas: uma nova espacialidade do tempo livre. *Anais do encontro da Comissão de Geografia Cultural da União Geográfica Internacional (UGI) (meio digital DC-ROM)*, Rio de Janeiro, junho de 2003.
- _____ e NACIF, Cristina. "Novas tendências na urbanização brasileira: o caso de Itaperuna (RJ)". *Revista de Administração Municipal, IBAM*, v.39, n.205, out/dez 1992., p.60-74.
- MULLINS, Patrick. "Tourism urbanization". *International Journal of Urban Regional Research*, 15 (3): 326-342, 1991.
- NASH, Dennison. "Tourism as a form of imperialism". In: SMITH, V. (org.) *Hosts and guests: the anthropology of tourism*. Philadelphia: University of Pensilvania Press, 4a. edição, pp.37-52, 1995.
- RIBEIRO, Miguel. "Considerações sobre o espaço fluminense: estrutura e transformações". In: MARAFON, G. e RIBEIRO, M. (orgs.) *Estudos de Geografia Fluminense*. Rio de Janeiro: Infobook, 2002, pp.13-26.
- ROCHA, Alexandre. *Imigrantes em Resende: o núcleo colonial de Visconde de Mauá (1908-1916)*. Resende - Visconde de Mauá: Hotel Bühler, 2a. edição, 2001.
- RUA, João. "Urbanização em áreas rurais do Estado do Rio de Janeiro". In: MARAFON, G. e RIBEIRO, M. (orgs.) *Estudos de Geografia Fluminense*. Rio de Janeiro: Infobook, 2002, pp. 43-69.
- SANT'ANNA, H. "A ocupação humana na região Araruama-Cabo Frio". *Revista Brasileira de Geografia*: 30 (3), jul-set 1968, pp.55-76.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SANTOS, Selene. A cidade sazonal: A urbanização pela função veraneio - um estudo de caso no Município de

Saquarema. Dissertação De Mestrado, IPPUR/UFRJ, Rio de Janeiro Brasil, 1981.

URRY, John. O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Nobel, 1996.

WILLIAMS, Stephen. "Inventing places: cultural constructions and alternative tourism geographies". In: _____. Tourism Geography. London and New York: Routledge, 1998.